

OS INSTITUTOS DE SURDOS DOS SÉCULOS XVIII E XIX: CENTROS DE LÍNGUA GESTUAL E CULTURA SURDA

Paulo Vaz de Carvalho

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde;
Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Portugal
ORCID ID 0000-0001-5345-3896
pcjanas.vazdecarvalho@gmail.com

Helena Carmo

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde, Portugal
ORCID ID 0000-0003-4885-0760
hccarmo@gmail.com

RESUMO:

A educação pública de surdos a nível mundial surgiu e estruturou-se nos Institutos de surdos dos séculos XVIII e XIX, hoje na sua maioria encerrados. Na atualidade, estes institutos são vistos como anacrónicos e segregadores à luz das teorias da educação inclusiva. Paradoxalmente, quando analisamos a História da Educação de Surdos muitos autores apontam a educação de surdos no referido período como a “Idade de Ouro” deste ramo da educação (Lane 1992; Cantin 2018; Delaporte 2002; Carvalho 2007). O presente artigo tem como objetivo olhar para estes antigos institutos como centros vivos e dinâmicos de desenvolvimento das línguas gestuais que eram transmitidas de geração em geração entre alunos, professores e funcionários Surdos. Por não ser separável língua de cultura, demonstraremos como estes institutos eram também centros de génese, estruturação e divulgação da Cultura Surda. A nossa análise será focada em três Institutos dos séculos XVIII e XIX, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, o Instituto Público de Surdos-Mudos e Cegos de Manilla em Estocolmo e o Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos de Lisboa, abrangendo um recorte temporal entre 1760 e 1834 e baseada em fontes primárias cotejadas nas bibliotecas e arquivos nacionais dos três países.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Surda; Educação de Surdos; História dos Surdos; Língua Gestual; Políticas Linguísticas.

1. Introdução

A educação de surdos surgiu formalmente em Espanha no século XVII com Pedro Ponce de León, um monge beneditino que recebeu duas crianças surdas, filhas de uma família nobre de nome Velasco. A preocupação com as crianças surdas não foi inicialmente genuína e a necessidade de educar estas crianças prendia-se principalmente com razões económicas, já que se uma família tivesse um filho surdo, este filho não poderia receber heranças nem contrair casamento visto que a incapacidade de falar precludia quaisquer direitos. O objetivo de Ponce de León era ensinar as crianças surdas a ler, escrever e principalmente a rezar, pois seria isso que salvaria a sua alma e lhes daria dignidade humana.

Ao longo dos dois séculos seguintes até 1760 (data da abertura da escola do Abade de L'Épée), vários foram os mestres que se dedicaram ao ensino de surdos, entre os quais destacamos Pablo Bonet, John Wallis, Konrad Amman, Samuel Heinicke, a família Braidwood e Jacob Rodrigues Pereira. Esta educação era particular, individual e era também a principal fonte de rendimento destes professores, cujos métodos pouco conhecemos já que a sua divulgação poderia criar concorrentes indesejados. O carácter individual desta educação leva a que não possamos falar ainda de escolas de surdos. Por consequência, na época não haveria grande contacto entre alunos surdos. É apenas no final do século XVIII que o paradigma da educação de surdos sofre uma mudança profunda com a criação da primeira escola pública para surdos pela mão do abade de L'Épée que, em sua casa e com o seu próprio dinheiro, abriu uma classe para surdos de condição social desfavorecida em Paris. Cedo o abade compreendeu que os Surdos tinham uma forma particular de comunicação que se fazia através de gestos, com eles aprendeu esta língua e modificou-a na ordem sintática do francês para ensinar a língua francesa a estes alunos. Este método, a que chamou de “Signes Méthodiques” (L'Épée 1776), alcançou o reconhecimento da sociedade parisiense e do próprio Rei, que viria a dotar a sua escola de uma subvenção anual, passando a chamar-se Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Este Instituto passou a receber surdos de toda a França, juntando num mesmo espaço, pela primeira vez, um número considerável de pessoas Surdas formando uma comunidade que rapidamente estruturou e desenvolveu a sua língua gestual. O seu sucessor, o abade Sicard, ampliou o Instituto e divulgou-o pela Europa e pelo mundo através das suas famosas sessões

públicas (Ladebat 1815). Esta divulgação levou a que muitos países criassem os primeiros institutos de Surdos de acordo com o modelo do Instituto francês, o que levou ao mesmo fenómeno de constituição de uma Comunidade Surda. Nalguns casos, a par da criação destas comunidades houve também a emergência de uma língua gestual própria, como nos casos da Áustria, Rússia, Suécia, Portugal, Espanha, Estados Unidos da América, Brasil, México entre outros, pois não encontramos documentos que nos refiram a existência de línguas gestuais nos referidos países antes da fundação dos primeiros institutos.

O presente artigo tem como objetivo refletir, com base em documentos originais dos séculos XVIII e XIX, sobre o funcionamento destes primeiros institutos, não apenas como centros de educação de Surdos de excelência, mas também como espaços linguísticos e culturais que permitiram que centenas de milhares de crianças e jovens surdos adquirissem precocemente uma língua gestual através da partilha de vivências comuns diárias e da transmissão intergeracional da língua que só o espaço comunitário permite. É também nossa intenção contribuir para uma reflexão sobre a eficácia ou ineficácia destes modelos de institutos de Surdos considerados hoje por alguns autores como segregacionistas. Para o efeito, cotejámos documentos originais recuperados dos arquivos nacionais de três países, França, Suécia e Portugal, e que se referem aos seguintes Institutos: o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, o Instituto de Cegos e Surdos-Mudos de Estocolmo, o Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos de Lisboa e o Colégio de Surdos-Mudos de Guimarães. Estes documentos foram alvo de uma análise hermenêutica que passamos a descrever.

2. O Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris

Como referimos na introdução, a primeira escola pública do mundo para surdos foi fundada em Paris em 1760 pelo abade de L'Épée. O abade interessou-se pela educação de surdos através do contacto que teve com uma família pobre de Paris cujas duas filhas gémeas eram Surdas. Ao conviver com a família, o abade percebeu que as meninas, que nunca tinham ido à escola, comunicavam através de gestos e que esses gestos eram estruturados, uma vez que lhes permitiam comunicar durante muito tempo. Constatou depois que não existia qualquer escola em França que desse

resposta às crianças surdas pobres. Com a sua fortuna particular criou então uma pequena escola em sua casa, recebendo várias crianças surdas da zona de Paris.

Para a educação destas crianças, L'Épée desenvolveu um método de ensino baseado na língua gestual que começou a aprender com as crianças Surdas que foi recebendo em sua casa e que intitulou de “*Signes Méthodiques*”. Ao aprender a língua gestual o abade compreendeu que esta língua e o francês tinham características distintas. O seu método consistia então em colocar a língua gestual pela ordem sintática do francês, ou seja, submeter a ordem dos gestos à ordem sintática do francês, e criar gestos para alguns elementos gramaticais que o francês tinha e a língua gestual não tinha, como as terminações dos verbos, as conjunções, ou os artigos:

(...) Todo surdo-mudo enviado até nós já tem uma linguagem (...) Tem o hábito de usá-la e compreende os outros que a fazem. Com essa linguagem (o surdo-mudo) expressa as suas necessidades, desejos, dúvidas, dores, etc... e não erra quando os outros se expressam da mesma forma. Nós desejamos instruí-los e assim ensinar-lhes o francês. Qual é o método mais simples e mais curto? Não seria expressando-nos na sua língua? Adoptando a sua língua e fazendo com que ela se adapte a regras claras não seríamos capazes de conduzir a sua instrução como desejamos? (...) (L'Épée 1776, 36)¹

O sucesso do seu trabalho veio a ser reconhecido através das sessões públicas que ministrava, acabando por atrair a atenção da corte francesa e do Rei. O monarca dotou a escola de uma subvenção e a instituição passou a intitular-se Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris.

Após a sua morte em 1789, L'Épée foi substituído na direção pelo seu discípulo, o abade Sicard. Sicard desenvolveu o método dos “*Signes Méthodiques*” e ampliou substancialmente o instituto, tanto ao nível dos espaços como ao nível do número de alunos, tendo formado também aquilo que foram os primeiros professores Surdos da História. Também alguns professores Surdos do instituto francês viriam mais tarde a ajudara a fundar institutos um pouco por todo o mundo. Destacamos o trabalho de Laurent Clerc, que em conjunto com o professor americano ouvinte Thomas Gallaudet, fundou a primeira escola de surdos nos Estados Unidos da América em Hartford em 1817. É também de salientar o trabalho do professor Surdo Ernest Huet que fundou o Instituto Nacional de Educação de

¹ Tradução do autor.

Surdos no Rio de Janeiro, Brasil em 1856, e depois fundou a Escuela Nacional de Sordomudos del México em 1867.

O modelo educativo do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris dividia-se em três áreas principais:

- A educação intelectual;
- A educação religiosa;
- A educação tecnológica/ profissional.

Na sua grande maioria, os alunos surdos eram internos já que a educação era bastante exigente. Acresce que muitos destes alunos eram de fora da cidade de Paris. Essa permanência no Instituto fez com que se constituísse uma comunidade forte cuja língua de comunicação era a língua gestual e na qual os alunos partilhavam as suas experiências diárias através de uma interação permanente. Esta interação proporcionou diversas manifestações artísticas e culturais intimamente ligadas à forma visual de interpretação do mundo. Manifestações essas que mais tarde estariam bem presentes no primeiro movimento de luta da Comunidade Surda pelos seus direitos, os Banquetes de Surdos.

Segundo Karacostas (1993), com a morte do abade Sicard em 1822 e a nomeação do Barão de Gerando como administrador, o Instituto sofreu uma profunda alteração pedagógica e administrativa. Gerando era um adepto do ensino de surdos através da oralidade. Aos poucos, Gerando começou a afastar os professores Surdos que considerava maus modelos de ensino e as horas dedicadas ao ensino através da língua gestual foram cada vez mais reduzidas. Em 1829, existiam apenas dois professores Surdos no Instituto, Berthier e Lenoir. Estas decisões da administração acabam por provocar uma revolta da parte dos professores Surdos do Instituto, mas também dos alunos e ex-alunos. A partir de 1830, uma comissão liderada por Ferdinand Berthier efetuou uma petição ao Rei para que este interviesse no que se estava a passar no Instituto. Sem sucesso, em 1834, Berthier liderou um comité formado por dez pessoas Surdas que foram responsáveis pelo primeiro Banquete em honra do abade de L'Épée, celebrando o 122º aniversário do seu nascimento. Este banquete foi de tal modo um sucesso que se tornou num evento regular (Mottez 1993).

Os banquetes eram eventos em que as pessoas Surdas faziam as suas exigências e onde se debatia a melhor forma de alcançarem os seus objetivos. Participavam Surdos de toda a França, na maioria ex-alunos do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris e também Surdos estrangeiros. Segundo Berthier (1840), também eram convidadas pessoas ouvintes defensoras da língua gestual e amigas dos Surdos, como jornalistas, políticos, escritores e artistas. Os banquetes eram ocasião de celebração da língua gestual e os direitos das pessoas Surdas e tornaram-se tão importantes que através deles foi fundada em 1838 a Sociedade Central de Assistência e Educação dos Surdos-Mudos, a primeira associação de Surdos de França e do mundo (Mottez 1993).

Este primeiro Movimento Surdo da História só foi possível porque esta noção de Comunidade Surda, de “Nação Surda” foi desenvolvida no Instituto ao longo de gerações de Surdos num espaço comum e por isso agregador. A consciência do valor da Comunidade Surda e do perigo que representava a mudança política a que se assistia no Instituto com o afastamento dos professores Surdos e da língua gestual, está bem patente nas atas dos Banquetes de Surdos, de que exibimos de seguida um excerto.

(...) Reagrupar os surdos-mudos numa nação separada, numa casta especial, irá condená-los a uma exclusão deplorável. Aqueles que proferem tais afirmações não entendem o que nos vai nos nossos corações. Os nossos espíritos nunca almejam tais objetivos egoístas de separatismo. Temos sido rejeitados dos banquetes das pessoas ouvintes. Os ouvintes têm querido suprimir a língua dos surdos-mudos, uma língua sublime, universal que nos foi dada pela natureza. E mesmo assim, os surdos-mudos disseram aos seus irmãos ouvintes: juntem-se a nós no nosso trabalho, nas nossas peças, aprendam a nossa língua como nós aprendemos a vossa (...) Meus irmãos, será isto egoísmo? Será isolamento? (...) (Berthier 1840, 26)

A noção da importância do valor da Comunidade Surda não impedia que fossem incluídas pessoas ouvintes nos seus eventos e celebrações. (...) Eugène Monglave, um amigo dos Surdos que falava língua gestual e estava informado e habituado aos “costumes” da nação surda-muda (...) (1º Banquete dos Surdos-Mudos, 1842, 12)²

É evidente no excerto anterior que esta pessoa ouvinte estava habituada à língua e à cultura da Comunidade Surda, a que se refere como “costumes”. Dos marcadores culturais deste período destacamos uma peça de teatro em língua gestual que abriu o 3º Banquete de Surdos intitulada “O abade de L’Épée ou o

² Tradução do autor.

Surdo-Mudo”, peça que influenciou o professor sueco Pär Aron Borg e a criação do Instituto de surdos sueco e português que abordaremos nas secções seguintes (3º Banquete de Surdos-Mudos, 1842).

3. O Instituto de Cegos e Surdos-Mudos de Manilla, Estocolmo

Existiram dois momentos marcantes que levaram Pär Aron Borg a fundar o Instituto de Cegos e Surdos-Mudos de Manilla em 1909. O primeiro momento que marcou o seu interesse pela educação de cegos foi através do contacto que teve com a mulher cega Charlotta Antonia Seuerling, na escola de Fruntimes, da qual depois veio a ser professor no instituto de Manilla. O segundo momento que marcou o seu interesse pela educação de surdos foi a peça de teatro a que assistiu em Estocolmo intitulada “O abade de L’Épée ou o Surdo-Mudo” escrita por Jean-Nicolas Bouilly em 1799. Segundo Ossian Edmund Borg (1854), filho de Pär Aron Borg e que o substituiu na direcção do Instituto após a sua morte em 1839, a peça de teatro causou-lhe uma impressão profunda.

Segundo Hammar (1990), Borg parece ter-se identificado com o famoso professor de surdos. Olsson (2010) considera que Borg pode ser visto como um homem iluminista e humanista e que via o cristianismo como uma necessidade moral. Era um homem moderno para quem a educação de todas as crianças era uma necessidade, principalmente no caso das crianças pobres. Borg era um homem empreendedor e independente e era para ele difícil submeter-se às diretrizes de outros. Essa personalidade marcada e forte esteve sempre presente na fundação do instituto sueco e também posteriormente na fundação do instituto português. (...) “Paradoxalmente, o seu pensamento baseava-se numa grande compreensão e empatia com a situação vivida pelos surdos, principalmente na importância da existência de uma comunidade linguística” (...) (Olsson 2010, 180)³.

Inspirado pelas obras dos abades de L’Épée e Sicard, Borg desenvolveu também uma metodologia gestualista e criou um alfabeto manual próprio para o ensino da escrita distinto dos alfabetos manuais espanhol e francês já largamente utilizados na Europa.

A sua ideia de educação de surdos consistia em:

³ Tradução do autor.

(...) comunicar aos alunos os conceitos elementares que geralmente são dados às crianças sensatas e então sobre esses fundamentos, de acordo com a aptidão de cada uma, construir os ensinamentos que se desenvolvem para formar o literato, o artista ou o trabalhador, enquanto que o mandamento moral dirige as suas ações e as promessas da religião suavizam o seu destino e alegram as suas esperanças (...) (Nystrom 1908, 181)⁴

Segundo Olsson (2010), Borg via a pessoa surda sem instrução como primitiva e fora da comunidade cultural, algo que não surge com as pessoas cegas. Isto pode ser interpretado como um motivo para o ensino e não como um desprezo pelas crianças surdas desde o nascimento. Borg acreditava genuinamente na capacidade e na importância das relações com os seus alunos que eram caracterizados pela vontade de compreender e pela proximidade. Essa crença nas potencialidades das pessoas surdas foi parte do seu sucesso.

O seu primeiro aluno Clas Ekmansson era surdo desde os 10 meses e segundo Borg era um aluno fácil e conseguia:

(...) através de gestos definidos mostrar objetos desenhados (nomeá-los), escrever num estilo claro e belo, ler e compreender mais de 100 palavras escritas (...) assim como explorar algumas funções e virtudes da alma (...) conhecer as denominações das palavras (...) (Nystrom 1908, 186)⁵.

A comunicação com os seus alunos fazia-se através de gestos simples, caligrafia e escrita. Outro elemento subjacente à sua metodologia de ensino eram as imagens de objetos, ambientes e fenómenos. À semelhança do Instituto de Paris, como foi referido anteriormente, a educação de surdos estava dividida em educação intelectual, educação tecnológica/profissional e educação religiosa/moral. Os alunos surdos eram todos internos e partilhavam o mesmo espaço.

No sentido de angariar apoios e divulgar o seu método, à semelhança do que L'Épée e Sicard fizeram, Borg também efetuava sessões públicas e demonstrativas, principalmente a nobres e à família real. A rainha Edwing Charlotta tornar-se-ia padroeira do Instituto. No entanto, nos primeiros anos o número de alunos surdos era escasso no instituto. Muitas famílias tinham relutância em enviar os seus filhos para um colégio interno. Era necessário fazer esta divulgação do sucesso do Instituto e do seu método por todo o país. Neste sentido, na primavera de 1811, Borg informou a administração do instituto que tencionava realizar uma viagem ao

⁴ Tradução do autor.

⁵ Tradução do autor.

campo com alguns alunos surdos. Pretendia (...) “ensinar as crianças para as endurecer e também dissipar uma certa opinião preconceituosa entre o público mais iluminado” (...) (Nystrom 1908, 187).⁶

Na época os alunos surdos eram ao todo 25, dos quais 8 eram do sexo feminino. No entanto, apenas 11 estudantes com idades entre os 13 e os 36 anos, fizeram a viagem. Nesta viagem contactaram com muitas pessoas ouvintes, mas tiveram principalmente grandes experiências e um contacto significativo com o mundo exterior que ia sendo explorado por gestos com Borg. Segundo Olsson (2010), a viagem dos alunos surdos abriu-lhes as portas das casas senhoriais e das salas de ciência. O mundo que os alunos encontraram era de bom gosto e de boas maneiras na habitação, no mobiliário, nos objetos, no vestuário e no comportamento. Estas vivências enriqueceram muito os alunos surdos, que depois as transmitiram no seu regresso aos seus colegas que tinham ficado no Instituto. Terão sido essas aprendizagens e trocas de conhecimentos que foram formando a base do que começou a ser o embrião da Cultura Surda no Instituto sueco. Por outro lado, o contacto dos ouvintes de classes sociais abastadas com os surdos fez com que outra perspectiva nacional mais positiva se formasse em relação às pessoas Surdas.

Borg tinha uma ideia bem definida de como o Instituto se deveria organizar. Segundo Olsson (2010) foi dada grande importância à distribuição espacial das atividades e do ambiente físico do Instituto. O local era um pré-requisito importante para a criação de uma comunidade contínua sob a chefia de um líder. Borg queria um ambiente rural onde os distúrbios da cidade pudessem ser excluídos. Colocou esta ideia em prática criando uma colónia. Para além da localização, o conceito abrangia sobretudo os alunos surdos, os professores, o próprio líder Borg e a sua família, bem como a comunidade cultural baseada na língua gestual. As diferenças de género eram evidenciadas em diferentes tarefas, mas por outro lado os estudantes estavam unidos por uma língua comum. Manilla era um lugar especial onde todos os Surdos eram ensinados e falavam com as mãos e os olhos uma língua que os outros não entendiam. No edifício havia salas para o diretor Borg, para os estudantes, para o ensino teórico e para as oficinas. Havia também uma pequena biblioteca. Segundo Prawitz (1913) no Instituto havia uma ordem bem pensada em que cada artigo tinha o seu lugar designado. A ordem espacial que foi criada fazia

⁶ Tradução do autor.

parte do próprio trabalho educativo na formação dos pensamentos e auto-percepção dos alunos surdos. Para eles significou também novas oportunidades de desenvolvimento pessoal numa cultura de língua gestual. Segundo Nystrom (1908), com a conclusão da organização de Manilla, Borg tinha atingido um dos seus objetivos, criar uma colónia rural para a educação teórica e prática dos Surdos. Alguns viam no *ethos* colonial uma ideia isolacionista e uma desconfiança em relação à capacidade dos Surdos de lidarem sozinhos com a sociedade. Porém, constatando o potencial deste espaço-colónia para o desenvolvimento da língua gestual, é difícil ver o conceito de colónia como isolacionista. A criação deste lugar proporcionou também o desenvolvimento de uma pedagogia para os Surdos. Borg ampliou ainda esta comunidade, aceitando que alguns ex-alunos Surdos fossem contratados como funcionários do Instituto, fortalecendo o ambiente de língua gestual já presente e criando, do ponto de vista dos Surdos

Borg tentou construir um modelo semelhante aquando da fundação da primeira escola de surdos portuguesa, o Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos, mas por graves desentendimentos com a então direção da Casa Pia de Lisboa, o professor sueco não permaneceu em Portugal tempo suficiente para que fossem criadas as mesmas condições que existiam no instituto sueco, tema que iremos desenvolver na secção seguinte.

4. O Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos português

Segundo Santos (1920), Lourenço (1956), Carvalho (2006, 2007, 2010, 2019) e Alves (2012) a primeira escola de surdos em Portugal foi fundada pelo professor sueco Pär Aron Borg em 1823 por insistência da princesa Isabel Maria junto do seu pai o Rei D. João VI e pela intermediação do Comendador Jacob Frederico Torlade de Azambuja, que mediou o contrato entre o Reino de Portugal e o professor sueco (Borg 1821-1822; Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos do Palácio Conde de Mesquitela/Casa Pia de Lisboa 1821-1822; Oliveira 1821-1822)⁷. Pär Aron Borg fez-se acompanhar pelo seu irmão Joham Borg que desempenhou a função de segundo professor. Como terceiro professor e repetidor⁸ veio a ser contratado um

⁷ Caixa n. 370 “Casa Pia de Lisboa” / mç 1922 Letras RS, ano de 1823.

⁸ O repetidor era normalmente o segundo ou terceiro professor que repetia as lições do primeiro professor numa outra aula e servia como reforço de aprendizagem. Em particular na educação de

português, José Crispim da Cunha com o objetivo de ser formado por Borg para futuramente dirigir o instituto. O Instituto abriu em 1824 com 8 alunos, 7 surdos e um cego. Como referimos na secção anterior, Borg era dotado de uma personalidade vincada e independente e desde cedo em Portugal entrou em desentendimentos com a direção da Casa Pia de Lisboa, que tinha a intenção de absorver o Instituto de surdos e que nunca o conseguiu enquanto Borg esteve à frente da instituição.

Segundo Alves (2012), por ser natural de um país nórdico cuja religião era a luterana, Borg adotou um conjunto de estratégias quer no plano social quer educativo para que as ideias de hierarquização se revelassem através da ordem, do asseio, da vacinação e da ginástica. O objetivo era a autonomia dos sujeitos e o carácter de uma formação de utilidade socioprofissional propícia à sua inserção na sociedade. A organização do Instituto assentava numa gestão baseada na auto-suficiência pela via do ensino técnico-profissional materializado nas oficinas existentes cujos produtos revertiam, através das vendas, para a sua manutenção. O conceito instituto-empresa sempre esteve bem presente na mente de Borg, conceito este pouco aceite em Portugal.

A educação no Instituto dividia-se, tal como no instituto francês e no instituto sueco, em educação intelectual, educação religiosa e educação tecnológica. O método utilizado era descrito como “signaes convencionados” e a língua utilizada era a língua gestual, como podemos constatar no seguinte excerto: (...) “a língua utilizada é a pantomima e os signaes convencionados” (...) (Borg 1821-1822).

Como foi referido na secção anterior, o repetidor era normalmente o segundo ou terceiro professor que repetia as lições do primeiro professor numa outra aula e servia como reforço de aprendizagem. Em particular na educação de surdos, o repetidor era conhecedor da Língua Gestual dos alunos surdos como no caso de Crispim da Cunha em Portugal e de Bébian em França. A organização era um requisito básico para Borg, e este desenvolveu um plano de estudo e atividades para o Instituto onde estavam indicadas todas as tarefas que os alunos deviam desenvolver de segunda-feira a domingo (Borg 1821-1822). A oralidade era também ensinada, no entanto das 24 horas semanais letivas, 14 horas eram dedicadas aos gestos convencionados e apenas 3 horas à articulação da fala.

surdos, o repetidor era conhecedor da Língua Gestual dos alunos Sianurdos como no caso de Crispim da Cunha em Portugal e de Bébian em França.

Borg redigiu diversos documentos que cotejámos nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. Num destes, intitulado *Súplica ao Rei D. João VI* (Borg 1821-1822), constatamos o descontentamento de Borg com a direção da Casa Pia de Lisboa e os impedimentos criados para a abertura do instituto. Estes desentendimentos e o início do regresso das ideias absolutistas a Portugal fizeram com que Pär Aron Borg regressasse ao seu país natal em 1828, ficando à frente do Instituto o seu irmão Joham Borg, que viria a falecer em 1833. Sucedeu-lhe como diretor o terceiro professor José Crispim da Cunha, que não conseguiu evitar a integração do Instituto na Casa Pia de Lisboa em 1834. Nas fontes que cotejámos não encontramos referências quanto à forma como os alunos surdos encaravam a vivência no instituto português, mas dadas as semelhanças organizativas entre o instituto sueco e o português suspeitamos que Borg tinha como objetivo a construção de uma “colónia” semelhante à que tinha desenvolvido na Suécia. Segundo Cunha (1835), a partir de 1834 a educação de surdos na Casa Pia de Lisboa entra em degradação e segundo ele restavam já poucos vestígios dos métodos de Borg. Em 1860, a educação de surdos é oficialmente extinta em Portugal. No entanto, a partir desta data, surgem algumas iniciativas privadas de criação de escolas para crianças e jovens surdos. Destacamos uma dessas iniciativas que consideramos ser uma das melhores práticas de ensino de surdos que temos estudado e que tem sido pouco valorizada em Portugal: o trabalho desenvolvido pelo Padre Pedro Maria de Aguilar e a fundação do Colégio de Surdos-Mudos de Guimarães, a que dedicaremos a secção seguinte.

5. O Padre Pedro Maria de Aguilar e o Colégio de Surdos-Mudos de Guimarães

O padre Aguilar nasceu em Pinhel e terá aprendido a ensinar crianças surdas através do contacto que teve com a Madre Petronilla, que recebia alunas surdas no convento do Bom Sucesso em Belém (Fussilier 1893). Em 1868 abriu uma classe para surdos na escola normal de Marvila em Lisboa. Em 1869 um fidalgo de Guimarães que havia enviado os seus dois filhos surdos para serem ensinados pelo padre em Lisboa, convidou Aguilar a transferir-se para a cidade de Guimarães e em 1871 abriu o Colégio de Surdos-Mudos de Guimarães, que chegou a ter 16 alunos. Para o auxiliar na tarefa, Aguilar contava com o auxílio dos seus dois sobrinhos, Eliseu de Aguilar e D. Joana Barbosa do Lago (Fussilier 1893). Inspirado pelas obras de

L'Épée e Sicard, o padre Aguilar desenvolveu um método de ensino de surdos que mereceu o reconhecimento de alguns autores de referência da época como António da Costa (1874) e Anicet Fussilier (1893). Foi através das obras destes autores que conhecemos os métodos de ensino de surdos desenvolvidos pelo padre, já que este nunca publicou qualquer documento sobre o seu trabalho. O método de Aguilar tinha como grande objetivo o ensino da leitura, da escrita e da matemática utilizando a língua gestual para o efeito. Aprendeu a língua gestual com os seus alunos surdos e ao fim de algum tempo tinha dela um conhecimento muito aprofundado, como podemos verificar no excerto seguinte:

(...) Os surdos-mudos pouco adeantados exprimem-se em geral com verbos no infinito o que dá ao período uma forma curiosa, especial que recebeu até o nome expressivo de “Phrase do surdo-mudo (...) collocam no primeiro plano a pessoa, o facto ou o objeto para que desejam chamar a atenção (...) por exemplo: João Vai a Cintra comprar camélias. Exprime-se pela mímica: Cintra – Camélias – João – Comprar – Ir (...) (Fussilier 1893, 25)

A atenção e o cuidado que tinha com as crianças e jovens surdos eram extremos. Aguilar privilegiava a existência de uma comunidade Surda gestuante para acolher as crianças recém-chegadas:

(...) Chegava um novo alumno ao Collegio (...) dirigia-se quase sempre a um cantinho, afastado dos outros mudozinhos, o mestre aproximava-se delle e interrogava-o com olhar carinhoso diligenciando perceber os seus signaes, fazelhe a vontade. A creança vendo que o entendiam abrandava-se rapidamente. (...) No dia seguinte o padre repetia ao jovem alumno os seus próprios signaes de que se tinha servido na véspera e este maravilhado por ver outra pessoa usar a mesma linguagem que elle ficava cheio de alegria e sympathizava logo com um home tão agradável (...) (Fussilier 1893, 24)⁹

Esta pequena comunidade Surda que Aguilar proporcionou era uma realidade no Colégio de Guimarães e a língua gestual era reconhecida como a língua de comunicação e elemento agregador da comunidade de alunos surdos.

(...) Não é o professor que decreta a linguagem mímica mas os próprios surdos-mudos é que estabelecem os signaes de conversação, conforme a própria razão lhes indica (...) instituem a língua natural espontânea e os mestres foram-na recebendo, desprezando a theoria dos signaes methodicos pouco racionaes (...) (Costa 1900, 42).

⁹ Os termos utilizados como “mudozinhos” não sendo hoje aceitáveis, foram mantidos por rigor histórico das fontes da época.

A interação entre as crianças e os jovens surdos dentro do colégio era uma realidade e um meio de desenvolvimento da própria língua: (...) Mas o que tem graça é que se os de dentro encontram na linguagem dos recém-chegados alguns signaes que lhes parecem mais significativos, substituem os seus pelos d'elles (...) (Costa 1900, 42). E da Cultura e Comunidade Surda: (...) Desta maneira teem feito na sua colónia uma linguagem sublime, filha da natureza (...) (Costa 1900, 42).

6. Considerações Finais

À luz das recentes leis da inclusão, os institutos de surdos são vistos como espaços segregadores, anacrónicos e prejudiciais à educação de surdos (Warnock Report, 1978). Todavia, no final do século XVIII, ao longo do século XIX e mesmo durante boa parte do século XX estes institutos de surdos formaram milhares de alunos Surdos, proporcionando-lhes aprendizagens escolares, formação profissional e sobretudo uma língua natural, uma comunidade, uma identidade e uma cultura. Após terem concluído a sua formação nos Institutos, muitas destas pessoas Surdas regressaram à sociedade com ferramentas que lhes permitiam aceder a uma verdadeira inclusão. Se, por um lado, a emergência da educação especial em Portugal na década de 70 do século XX alertou a sociedade para a atenção que deve ser prestada às crianças e jovens portadores de deficiência, por outro lado também os agrupou com base no conceito de deficiência e não das necessidades específicas que cada grupo apresenta. Em relação às pessoas Surdas, quando não são portadores de outro tipo de comprometimentos, o maior problema que enfrentam é a questão linguística e por essa razão as respostas prestadas a esta população não podem ser as mesmas que são prestadas a grupos de pessoas cujos problemas não são linguísticos e sim cognitivos, motores ou visuais. Uma língua não se adquire nem se aprende apenas na sala de aula, mas sobretudo através da interação da criança com os seus pares e através da presença de modelos linguísticos adultos de referência, falantes nativos da língua. No presente artigo tentámos demonstrar que os mestres e professores de Surdos que destacámos dos séculos XVIII, XIX e XX como o abade de L'Épée, o abade Sicard, Pär Aron Borg e o Padre Pedro Aguilar, tinham noção desta realidade e desenvolveram os seus trabalhos orientados por estes princípios. O conceito de espaço físico comum a que chamaram de *Colónia* e que interpretámos como Comunidade Surda, é central na conceção de educação de

surdos destes professores. É nesta Comunidade que a língua se adquire, que se aprende, que se estrutura e que evolui: porque passa de geração em geração, porque é língua de educação, mas também de interação e porque através dela se partilham experiências e vivências sendo ela o princípio e o meio da Cultura Surda. As leis da inclusão trouxeram a noção errada de que a presença de um intérprete de língua gestual é suficiente para que a inclusão aconteça ou de que um surdo com implante coclear deixa de ser surdo e acede como os ouvintes à língua portuguesa e não necessita da língua gestual. O sucesso da educação de surdos não pode ser apenas medido através do número de palavras que o aluno produz e escreve ou o número de gestos que reconhece. A educação de surdos deve ter como grandes objetivos as competências que os alunos surdos adquirem, como as capacidades de autonomia, de reflexão crítica, de adaptação, de flexibilidade, de solidariedade que apenas a aquisição de *línguas* em interação possibilita. Em simultâneo, a construção da autoestima, da identidade e o sentimento de pertença que apenas se alcança através do conhecimento e partilha da História e da Cultura da Comunidade Surda e que deve fazer parte da sua educação.

Referências Bibliográficas

- Alves, Reis, Loureiro. 2012. “Educação especial e modernização escolar: estudo histórico-pedagógico da educação de surdos-mudos e de cegos”. Tese de Doutoramento. Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.
- Bébian, Roche-Ambroise Auguste. 1825. *Mimographie ou Essai d’Écriture mimique propre à regulariser le langage des sourds-muets*. Paris: L. Colas.
- Berthier, Ferdinand. 1840. *Les sourds-muets avant et depuis l’abbé de l’Épée*, Ledoyen: Paris.
- Borg, Pär Aron. 1828. *Golpe de Vista sobre a Necessidade Valor e Importância de hum Estabelecimento de Educação para os Surdos-mudos e Cegos*. Lisboa: Impressão da Viúva Neves e Filhos. Biblioteca Nacional de Portugal.
- Borg, Pär Aron. Vários documentos anos de 1821-1822. Caixa nº 370. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa.
- Borg, Pär Aron. 1811. “En resa i Fädernäslandet år 1811 till fots.” *Nordisk tidskrift för dövundervisningen*. No 2, 1990.

- Borg, Pär Aron. 1809. *Berättelse om den i Maj månad 1808 med en blind Elev hållne första Examen. Samt "Berättelse om Institutets tillväxt och den med Eleverna hållne Examen d. 12 februari 1909, samt redovisning för de till Institutet in utne medel, i För Menniskovännen och de Gode, som bidragit till understöd för de Blindes och Döfstummes Institut i Stockholm.* Stockholm: J. P. Lindh.
- Borg, Pär Aron. 1840-1841. *De döfstumma i templet: Förklaringar öfver söndagarna och deras evangelier.* Stockholm: L. G. Hjerta.
- Borg, Ossian Edmund. 1854. *Om Institutet för Döfstumma och Blinda i Sverige; Jemte en kort öfversikt af likartade stiftelser i främmande länder.* Manhem: O. E. Borgs Förlag.
- Bouilly, Jean-Nicolas. 1799. *L'Abbé de L'Épée, Comédie historique em cinq acts et en prose.* Paris: Chez J.-N. Barba, Libraire.
- Carvalho, Paulo Vaz de. 2006. "Contribuição para o Estudo da Formação e Atribuição dos Nomes Gestuais nas Comunidades Surdas em Portugal". Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Carvalho, Paulo Vaz de. 2007. *História dos Surdos no Mundo e em Portugal.* Lisboa: Surd'Universo.
- Carvalho, Paulo Vaz. 2009. *História da Educação de Surdos I.* Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Carvalho, Paulo Vaz. 2010. *História da Educação de Surdos II.* Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Carvalho, Paulo Vaz de. 2013. *A Herança do Abade de L'Épée na Viragem do Século XVIII para o Século XIX.* Lisboa: The Factory.
- Carvalho, Paulo Vaz de. 2019. *A Educação de Surdos na Casa Pia de Lisboa: Resenha Histórica.* Lisboa: Althum/Casa Pia de Lisboa.
- Cantin, Yann. 2018. *La communauté sourde de la Belle Epoque (1870-1920).* Editions Archives et Culture.
- Costa, António da. 1874. *No Minho.* Lisboa: Imprensa Nacional.
- Cunha, José Crispim da. 1835. *História do Instituto dos Surdos-Mudos e Cegos de Lisboa, desde a sua Fundação à sua incorporação na Casa Pia de Lisboa.* Lisboa: Tip. de Filipe Nery.

- Delaporte, Yves. 2002. *Les sourds, c'est comme ça. Ethnologie de la surdimutité*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'Homme, Ministère de la Culture.
- Desloges, Pierre. 1779. *Observations d'un Sourd-Muet sur Un Cours Élémentaire D'Éducation des Sourds et Muets Publié en 1779 par M. l'Abbé Deschamps Chapelain de l'Église d'Orléans*. Paris: Chez B. Morin, Imprimeur-Libraire. Bibliothèque Nationale de France.
- Erikson, Per. 1993. *Dövas Historia*. Örebro: SIH Läromedel.
- Fusillier, Anicet. 1893. “Esboço histórico do ensino dos surdos-mudos em Portugal. Estudo apresentado ao Congresso pedagógico hispano-português-americano realizado em Madrid em Outubro de 1892. P.^e Pedro Maria de Aguilar”. *Instrução e Educação dos Surdos-Mudos*. Lisboa: Empresa de Lucas Evangelista Torres e Biblioteca Nacional de Portugal.
- Fusillier, Anicet. 1895. “Conferência Teórico-Prática realizada a 13 de Fevereiro de 1895 por Anicet Fusillier Director do Instituto de Surdos – Mudos, Benfca”. Instituto 19 de Setembro. Lisboa: Tip. – Rua Formosa e Biblioteca Nacional de Portugal.
- Hammar, Åsa. 1990 a. *Döva elever vid institutet för döfstumma och blinda i Stockholm åren 1808–1820*. Stockholm: Historiska Institutionen, Stockholm Universitet.
- Hammar, Åsa 1990 b. “*Tankar om dövundervisning speglad i Pär Aron Borgs: En resa i fäderneslandet år 1811 till fots.*” (Não publicado).
- Johansson, Kjell-Åke. 1974. *Om blindundervisningen i Sverige från 1809: Förändringar i de pedagogiska perspektiven inom den tidiga specialundervisningen*. Pedagogiska institutionen: Stockholms Universitet.
- Laffon de Ladébat, André Daniel. 1815. *Recueil des définitions et réponses les plus remarquables de Massieu et Clerc, sourds-muets, aux diverses questions qui leur ont été faites dans les séances publiques de M. l'abbé Sicard à Londres*. London: Cox and Baylis.
- L'Épée, Abée de. 1776. *Institution des Sourds et Muets, par la voie des Signes Méthodiques, Ouvrage qui contient le Projet d'une Langue Universelle, par l'entremise des Signes naturels assujettis à une Méthode. Avec Approbation & Privilège du Roi*. Paris: Chez Nyon l'aîné, Libraire e Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine.

- L'Épée, Abée de. 1820. *L'Art d'Enseigner à Parler Aux Sourds-Muets de Naissance, Par M. l'Abbé de l'Épée, augmenté de notes explicatives et d'un avant-propos, Par M. l'Abbé Sicard, M. Bébien*. Paris: Imprimerie de J. G. Dentu e Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine.
- L'Épée, Abée de. 1784. *La Véritable Manier d'Instruir Les Sourds et Muets, Confirmée par une Longue Expérience, Avec Approbation & Privilège du Roi*. Paris: Chez Nyon l'aîné, Libraire e Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine.
- Karacostas, Alexis. 1993. "Fragments of 'glottophagia'. Ferdinand Berthier and the birth of the Deaf movement in France". In *Looking Back: A Reader on the History of Deaf Communities and their Sign Languages*, edited by Renate Fischer e Harlan Lane, 133-142. Hamburg: Signum Press.
- Lane, Harlan. 1992. *The Mask of Benevolence: Disabling the Deaf Community*. New York: Knopf.
- Lourenço, Albertina Jesus. 1956. "Breve Resumo Histórico da Educação de Surdos em Portugal". *Revista A Criança Surda*, No 3, 76-102.
- Mottez, Bernard. 1993. Les sourds existent-ils? La parole des sourds. *Revue du Collège de Psychanalystes*. (46-47): 49-58.
- Nyström, A. F., 1900–1908. *Grunddragen av döfstumundervisningens utveckling i Sverige*. Örebro: Lindhska Boktryckeriet.
- Oliveira, António Joaquim Gomes de. Estrato dos Ofícios do Encarregado de Negócios em Estocolmo. 3ª Repartição, 15 de Outubro 1821-1822. Caixa nº 370. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa.
- Olsson, Claes G. 2010. *Omsorg & kontroll. En handikaphistorisk studie 1750-1930*. Föreställningar och levnadsförhållanden, Umeå.
- Prawitz, Johan. 1913. *Manilla dövskola 1812–1912*. Stockholm: K. I. Beckmans Boktryckeri.
- Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos do Palácio Conde de Mesquitela/ Casa Pia de Lisboa. Vários documentos anos de 1821-1822. Caixa nº 370. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa.
- Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos do Palácio Conde de Mesquitela/ Casa Pia de Lisboa. Tradução da Nota do secretário de Borg acerca da Instituição dos Cegos de nascença e surdos e mudos. Manhem, 1º de Setembro de 1822. Caixa nº 370. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa.

Santos, Ary dos. 1913. “O Ensino dos Surdos-Mudos em Portugal”. Comunicação feita à Sociedade de Estudos Pedagógicos. Lisboa: Tip. Casa Portuguesa.

Société Centrale des Sourds-Muets de Paris. 1842. *Banquets des Sourds-Muets réunis pour Fêter les Anniversaries de la Naissance de L'Abbé de L'Épée*. Paris: Chez Jacques Ledoyen, Libraire.

Artigo recebido em 04/04/2023 e aceite em 07/10/2023.

Creative Commons Attribution License | This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.